

## **Ensino da terminologia da aviação para pilotos iniciantes: o contexto da comunicação especializada e o contexto da comunicação em uma sala de aula de ESP**

The teaching of aviation terminology to *ab initio* pilots: the specialized communication context and the communication context in the ESP classroom

**Ana Eliza Pereira BOCORNY<sup>1</sup>**

**RESUMO:** *A demanda pelo ensino de linguagens de especialidade tem crescido exponencialmente. Na área da aviação esta demanda aumentou ainda mais a partir das exigências da ICAO em relação à proficiência em língua inglesa que pilotos e controladores de voo deveriam comprovar a partir de março de 2011. Dado este contexto, o presente trabalho faz uma reflexão sobre os contextos onde a comunicação especializada acontece e suas diferenças, de forma a repensar as práticas conduzidas nas salas de aula de ESP. São considerados elementos como os diferentes papéis dos leitores nos diferentes contextos e os fatores que afetam a comunicação.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *ensino de inglês para fins específicos; inglês para aviação; terminologia.*

**ABSTRACT:** *The demand for the teaching of specialized languages has grown exponentially. In the area of aviation this demand has increased even more specially after the ICAO requirements in relation to the proficiency in the English language that pilots and flight controllers should prove from March 2011 on. Given this context, this work presents a reflection about the contexts where specialized communication happens and their differences in order to rethink the practices conducted in the classrooms of ESP. Elements are considered as the different roles of players in different contexts and factors that affect communication.*

**KEY WORDS:** *English for specific purposes; English for aviation; terminology.*

### **1 Introdução**

Una de las necesidades que há visto crecer exponencialmente su demanda ha sido la enseñanza de lenguas de especialidad, que ha aumentado de manera espectacular por cuanto los profesionales y especialistas necesitan gestionar directamente sus comunicaciones

---

<sup>1</sup> Ana Eliza Pereira Bocorny é professora das disciplinas de Terminologia Aeronáutica e Inglês Aplicado à Aviação na Faculdade de Ciências Aeronáuticas da PUCRS. Ela possui doutorado em Letras pela UFRGS e é mestre em Educação pela PUCRS.  
Submetido em: Novembro/2010. Aceito em: Dezembro/2010.

especializadas sobre una temática y finalidad precisas, y, para ello, deben conocer las formas idóneas para expresarse (Cabré, 2005b, p. 1).<sup>2</sup>

Ao longo de vinte anos trabalhando a leitura e compreensão de textos especializados dos manuais de operações aeronáuticas com pilotos iniciantes, pudemos perceber, de forma muito clara, que a principal dificuldade enfrentada por eles nesta situação especializada de aprendizagem diz respeito às unidades nominais muito longas, que servem como nodos conceituais desta área de especialidade. Percebemos, também, que o contexto comunicativo especializado real de uso destes textos é diferente do contexto especializado de aprendizagem (geralmente em cursos de *ESP* para aviação) onde os referidos textos são trabalhados.

Segundo Cabré (2005b, p. 1), a demanda pelo ensino de linguagens de especialidade tem crescido exponencialmente, de modo especial porque *los profesionales y especialistas necesitan gestionar directamente sus comunicaciones especializadas sobre una temática y finalidad precisas, y, para ello, deben conocer las formas idóneas para expresarse*.<sup>3</sup> Assim, o entendimento das diferenças entre os referidos contextos é muito importante na medida em que permitirá melhores resultados de atividades realizadas em sala de aula.

Este é um desafio que enfrentamos em sala de aula, qual seja, viabilizar o aprendizado dos futuros profissionais da aviação, de forma que eles consigam gerenciar suas comunicações especializadas. Inúmeras são as situações de comunicação especializada presentes no contexto profissional aeronáutico. No caso da aviação comercial, e focando especificamente a atuação dos pilotos, podemos destacar a comunicação fabricante de aeronaves-piloto, via textos de manuais de operações, e a comunicação controlador de vôo-piloto, via rádio, como as de maior relevância.<sup>4</sup> Neste trabalho, abordaremos o objeto da primeira situação, foco de nossas aulas de *ESP* para pilotos, e de que forma este contexto especializado difere do contexto real de comunicação.

## **2 O contexto<sup>5</sup> comunicativo da aviação e o contexto de aprendizagem de uma linguagem de especialidade<sup>6</sup>**

---

<sup>2</sup> Uma das demandas que têm aumentado exponencialmente tem sido o ensino de línguas de especialidade, uma vez que os profissionais e especialistas necessitam gerenciar diretamente suas comunicações especializadas sobre uma temática e finalidade precisas e, para isso, devem conhecer as formas corretas para expressar-se.

<sup>3</sup> [...] os profissionais e especialistas necessitam gerenciar diretamente suas comunicações especializadas sobre uma temática e finalidade precisas, e, para isso, devem conhecer as formas idóneas para expressar-se.

<sup>4</sup> O destaque dado a estas situações se deve à sua importância para a segurança de vôo e à internacionalização da aviação.

<sup>5</sup> Ao longo desse trabalho, a palavra contexto é utilizada com dois sentidos básicos: um mais amplo, relacionado ao âmbito, profissional ou de aprendizagem, onde a linguagem de especialidade é utilizada; outro mais restrito, relacionado ao ambiente textual onde as unidades especializadas e palavras estão inseridas.

Para Cabré (2005b, p. 6), uma situação de comunicação especializada é aquela em que a linguagem de especialidade ou linguagem especializada é produzida por emissores que possuam conhecimento especializado, ou sejam especialistas em área de temática específica, dentro de uma situação fundamentalmente profissional, com determinado nível de formalidade e com a função comunicativa básica de informar.<sup>7</sup> Quando lê um manual de operações, um piloto experiente busca, no texto produzido por engenheiros e técnicos da fábrica de aviões, informações e diretrizes sobre como operar a aeronave que ele tem sob sua responsabilidade. As informações são apresentadas pelo fabricante da aeronave ao longo de todo o manual, enquanto as diretrizes, fundamentalmente nos volumes sobre procedimentos, caracterizando o que Sager *et al.* (1980) chama de mistura de intenções.

A comunicação, segundo Sager *et al.* (1980, p. 43), terá acontecido de forma perfeita *when B's state of knowledge after reception of the message corresponds exactly to A's intention in originating the message*,<sup>8</sup> ou em palavras mais recentes deste autor, *la comunicación es efectiva en cuanto las presuposiciones del autor sobre los conceptos, expresados en términos convenidos, igualan la comprensión del lector de los mismos conceptos y sus términos* (Sager, 2007, p. 119).<sup>9</sup> Em uma e outra citação, Sager destaca a importância do equilíbrio entre o conhecimento emitido pelo autor e o compreendido pelo leitor para o sucesso da comunicação.

O caminho entre emissão da mensagem e a sua decodificação ou construção (Koch, 2004, p. 27)<sup>10</sup> por parte do leitor, no entanto, pode ser muito tortuoso. A comunicação especializada

---

<sup>6</sup> Cabré (2005b, p. 8) usa a expressão *contexto de aprendizaje de dicha especialidad*, que traduziremos como “contexto de aprendizagem de uma especialidade”, para referir-se às situações onde um indivíduo aprende sobre a matéria que constituirá sua futura atividade profissional. *Suele decirse que la manera más natural de adquirir un lenguaje de especialidad es en un contexto de aprendizaje de dicha especialidad. Esto supone que un futuro profesional en economía financiera, a medida que vaya aprendiendo sobre la materia, incorporará las formas expresivas propias de los conceptos de dicha materia.* Diferenciamos o conceito de *contexto de aprendizaje de dicha especialidad* (contexto de aprendizagem de uma especialidade), como apresentado por Cabré (2005b, p. 8), do conceito de **contexto de aprendizagem de uma linguagem de especialidade**. Conforme nosso entendimento, no primeiro, a linguagem de especialidade é o meio através do qual o conhecimento é transmitido, e os conceitos de tal matéria vão sendo incorporados de forma progressiva. No segundo, o aprendizado da linguagem de especialidade é o objetivo principal, e os conceitos são incorporados de forma mais consciente.

<sup>7</sup> [...] los lenguajes de especialidad o lenguajes especializados son registros funcionales caracterizados por una temática específica “tratada de determinada manera”, o mejor aun, conceptualizada de forma específica. Y todo ello producido en situaciones de comunicación en las que el emisor o los emisores son específicos (personas que han adquirido conscientemente un conocimiento especializado, fundamentalmente los especialistas de una determinada materia), el tipo de situación también lo es (fundamentalmente profesional y siempre dentro de un nivel de formalidad aunque esta formalidad admita grados distintos) y con una función comunicativa básica, la informativa (Cabré, 2005b, p. 6).

<sup>8</sup> [...] quando o estado de conhecimento de B, depois de receber a mensagem, corresponde exatamente à intenção de A ao originar a mensagem.

<sup>9</sup> A comunicação é efetiva quando as pressuposições do autor sobre os conceitos expressos em termos acordados igualam a compreensão do leitor dos mesmos conceitos e de seus termos.

<sup>10</sup> Koch (2004, p. 27) salienta o papel ativo e contínuo do ouvinte/leitor no processo de compreensão de um texto: “Todo e qualquer processo de compreensão pressupõe atividades do ouvinte/leitor, de modo que se caracteriza como um processo ativo e contínuo de construção – e não apenas de reconstrução, no

entre pilotos e autores dos manuais de operações, via discurso especializado em inglês, tão necessária para a segurança daqueles que voam, parece não acontecer simplesmente pelo conhecimento individual de palavras e termos ou pelo conhecimento das regras gramaticais que as unem. Sager *et al.* (1980, p. 44) afirma que o sucesso em um processo de comunicação depende de fatores psicológicos, fatores semânticos, semióticos e lingüísticos e, também, fatores técnicos. Os fatores psicológicos, mais tarde chamados por Sager *et al.* (1980, p. 44) de *appropriateness*,<sup>11</sup> dizem respeito a *A's appreciation of B's state of knowledge in selecting the message*.<sup>12</sup> Os fatores semânticos, semióticos e lingüísticos, mais tarde chamados de *precision*,<sup>13</sup> dizem respeito à capacidade *of transmitter and receiver to code and decode accurately*<sup>14</sup> e os fatores técnicos, posteriormente denominados *economy*,<sup>15</sup> estão vinculados à *successful counteraction of noise*.<sup>16</sup>

Fish (1980, p. 303), por sua vez, afirma que a interpretação de um enunciado está intimamente ligada ao conjunto de interesses e pontos de vista aos quais os sujeitos da comunicação se aliam. Segundo ele:

[...] the reason that I can speak and presume to be understood by someone like Abrams is that I speak to him **from within** a set of interests and concerns, and it is in relation to those interests and concerns that I assume he will hear my words. If what follows is communication or understanding, it will not be because he and I share a language, in the sense of knowing the meanings of individual words and the rules of combining them, but because a way of thinking, a form of life shares us and implicates us in a world of already-in-place objects, purposes, uses, goals, procedures, values and so on [...] (Fish, 1980, p. 303).<sup>17</sup>

Sob uma perspectiva cognitivista, Koch (2004, p. 21) afirma que o texto é resultado de uma série de processos mentais que resultam no seu entendimento por parte das pessoas envolvidas na comunicação. Esses processos cognitivos se dão a partir de modelos que são

---

qual as unidades de sentido ativadas, a partir do texto, se conectam a elementos suplementares de conhecimento extraídos de um modelo global também ativado em sua memória. Por ocasião da produção, o locutor já prevê essas inferências, na medida em que deixa implícitas certas partes do texto, pressupondo que tais lacunas venham a ser preenchidas sem dificuldades pelo interlocutor com base em seus conhecimentos prévios. Por essa razão, dependendo desses conhecimentos e do contexto, diferentes interlocutores poderão construir interpretações diferentes do mesmo texto. Os textos só se tornam coerentes para o leitor/ouvinte por meio de inferenciação.”

<sup>11</sup> Adequação.

<sup>12</sup> [...] à capacidade que *A* tem de avaliar/apreciar o nível/estado de conhecimento de *B* ao selecionar a mensagem.

<sup>13</sup> Precisão.

<sup>14</sup> [...] do transmissor e do receptor de codificar e decodificar com precisão.

<sup>15</sup> Economia.

<sup>16</sup> [...] bem sucedida prevenção de ruído.

<sup>17</sup> [...] a razão pela qual eu posso falar e presumir que serei entendido por alguém como Abrams é que falo com ele a partir de um conjunto de interesses e pontos de vista, e é em relação a esses interesses e pontos de vista que eu presumo que ele irá ouvir minhas palavras. Se o que segue é comunicação ou entendimento, não será porque ele e eu compartilhamos a mesma língua, no sentido de saber o significado individual de palavras e suas regras de combinação, mas porque uma forma de pensar, uma forma de vida nos une e nos coloca em um mundo de objetivos, valores, procedimentos e objetos que já têm o seu lugar [...].

“conjuntos de conhecimentos socioculturalmente determinados e vivencialmente adquiridos que contêm tanto conhecimentos sobre cenas, situações e eventos, como conhecimentos *procedurais* sobre como agir em situações particulares e realizar atividades específicas” (Koch, 2004, p. 23). Tais modelos tornam possível fazer inferências ou tecer hipóteses sobre aspectos que não estejam explícitos no texto. A partir das idéias de Heinemann e Viehweger (1991), Koch (2004, p. 22) afirma que o processamento textual acontece a partir de quatro sistemas de conhecimento: o conhecimento lingüístico, que diz respeito “ao conhecimento gramatical e lexical, sendo assim o responsável pela articulação som-sentido” (Koch, 2004, p. 22); o conhecimento enciclopédico, relativo ao conhecimento de mundo, “aquele que se encontra armazenado na memória de cada indivíduo” (Koch, 2004, p. 22); o conhecimento socio-interacional, ou “conhecimento sobre as ações verbais, isto é, sobre as formas de *inter-ação* através da linguagem”; e o conhecimento sobre estruturas ou modelos textuais globais, “aquele que permite aos falantes reconhecer textos como exemplares de determinado gênero ou tipo” (Koch, 2004, p. 23-24).

Dentro de um contexto de aprendizagem de uma linguagem de especialidade, parece muito claro que todos os fatores, elementos e conhecimentos mencionados anteriormente devam ser considerados para viabilizar o aprendizado dos futuros profissionais. É fundamental que se aprofunde o conhecimento sobre a forma como se dá a comunicação especializada e sobre os elementos que concorrem para que ela seja efetiva, de modo que os alunos possam ser auxiliados, em sala de aula, a desenvolver/adquirir tais conhecimentos, habilidades e percepções. Esse entendimento certamente irá contribuir para que, mais tarde, eles sejam capazes de gestionar sua comunicação especializada a partir de formas idôneas de comunicação.

Ainda que afirme não ser especialista na área de ensino/aprendizagem de linguagens especializadas, Cabré (2005b, p. 1) destaca o conhecimento lingüístico como fator necessário para levar a cabo essa atividade, salientando que o futuro profissional deverá desenvolver *no solo elementos generales, sino también los recursos específicos de la profesión* (Cabré, 2005b, p. 9).<sup>18</sup> Assim, a partir dessa reflexão, a autora destaca duas variáveis a serem aplicadas ao ensino: a *variable lengua* (variável língua), que se concretiza na *lengua própria* (língua materna) ou na *lengua extranjera* (língua estrangeira), e a variável recursos específicos, ou seja, *los recursos que requiere la expresión y comunicación de una especialidad en contextos reales de trabajo* (Cabré, 2005b, p. 9).<sup>19</sup> A autora subdivide os recursos específicos em: (i) léxico especializado ou terminologia; (ii) combinações semifixas do vocabulário ou fraseologia<sup>20</sup> da

---

<sup>18</sup> [...] não apenas elementos gerais, mas também os recursos específicos da profissão.

<sup>19</sup> [...] os recursos que exigem a expressão e comunicação de uma especialidade em contextos reais de trabalho.

<sup>20</sup> Segundo Krieger e Finatto (2004, p. 85) a fraseologia especializada trata-se de “um elemento constitutivo das comunicações profissionais.” Bevilacqua (2004, p. 28) define duas tendências na definição das unidades fraseológicas especializadas (UFE), a primeira define a unidade como uma colocação, ou seja, *como unidad resultante de la combinación de dos unidades léxicas, una de las cuales*

especialidade; e (iii) tipos de produções textuais, orais e escritas, típicas do exercício da profissão.

Nos aliamos à posição de Cabré (2005b). Ainda que cientes da importância de uma variedade de fatores para o sucesso do processo de comunicação, acreditamos que o fator lingüístico, especificamente aquele que diz respeito ao léxico especializado dentro da situação de comunicação profissional tem grande importância especialmente para a leitura de manuais de operações, focando as relações estabelecidas dentro da unidade especializada.<sup>21</sup> Considerando a dificuldade que nossos alunos do curso de Ciências Aeronáuticas (aprendizes da especialidade) têm em identificar e interpretar corretamente unidades especializadas poliléxicas, frequentes nos textos em questão, realizamos um trabalho descritivo destas unidades com o objetivo de subsidiar o ensino da terminologia com dados provenientes desta reflexão teórica.

No contexto comunicativo da aviação, quando um piloto de uma empresa aérea comercial lê o manual de operações, é estabelecido o que Pearson (1998, p. 36) chama de *expert-expert communication*.<sup>22</sup> Nesse caso, pressupõe-se que autor e leitor compartilhem uma mesma linguagem, que exista um equilíbrio entre o conhecimento emitido pelo autor e compreendido pelo leitor, não havendo, por essa razão, problemas significativos de entendimento, como afirma Pearson:

Writer and reader, or speaker and hearer are assumed to have the same or very similar level of expertise. This expert-expert communicative setting applies to publications in learned journals, academic books, research reports, legal documents such as laws and contracts and any other written documents where the author is writing about his/her area of expertise and addressing readers who are understood to have a similar level of expertise (1998, p. 36).<sup>23</sup>

O contexto comunicativo de sala de aula é diferente. Em uma sala de aula de *ESP* para aviação, temos o que Pearson (1998, p. 37) chama de *expert to initiates communication*.<sup>24</sup> Neste caso, o aluno, ao ler o manual de operações em uma determinada atividade, é afetado por uma série de fatores que irão causar um desequilíbrio entre o conhecimento emitido pelo autor e aquele compreendido pelo leitor. Nesse sentido, Pearson diz: *while these experts will use the same terminology as they would use when communicating with their peers, they are likely to*

---

*es el núcleo y la otra el colocado, e a segunda como una combinación sintagmática cuyo núcleo terminológico es una UT.*

<sup>21</sup> Não é nosso objetivo aqui focar as relações das unidades com o seu contexto oracional ou textual.

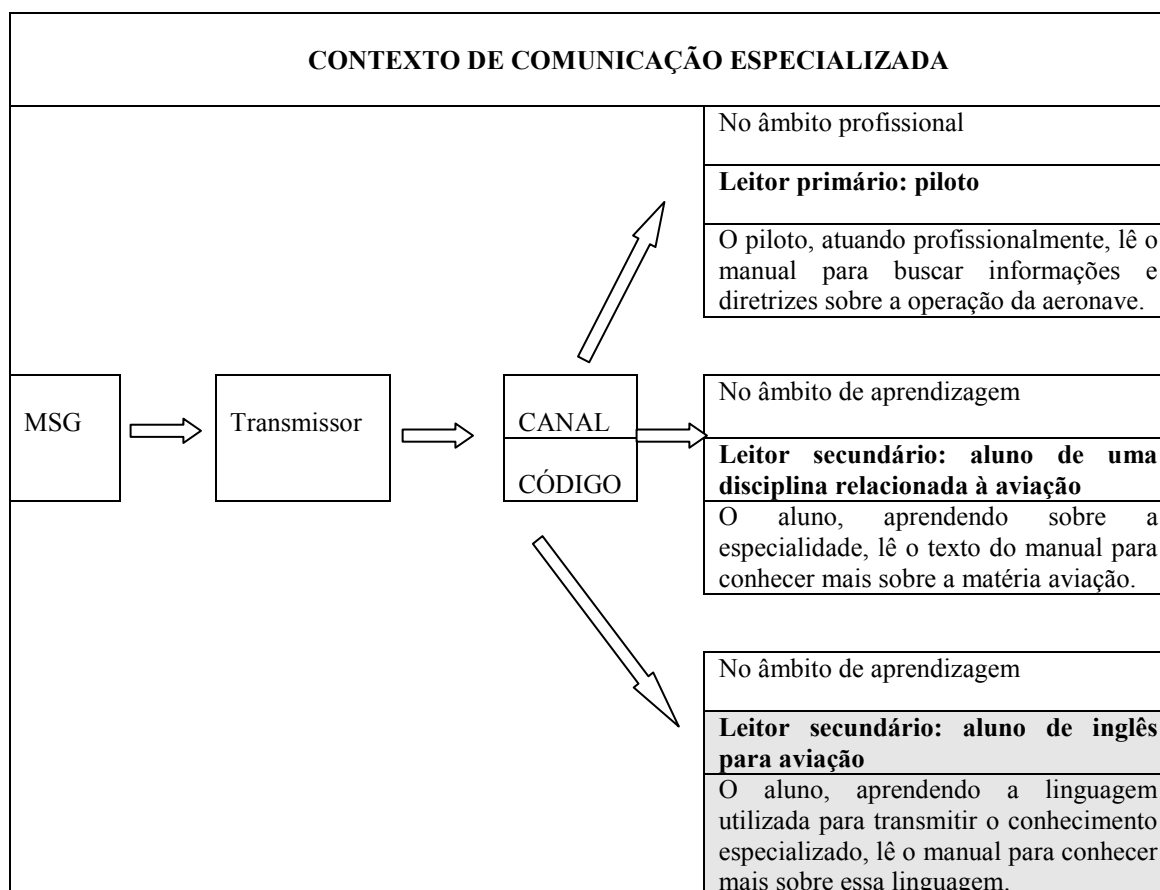
<sup>22</sup> Comunicação especialista-especialista.

<sup>23</sup> Pressupõe-se que o escritor e o leitor, ou o falante e o ouvinte tenham um nível de conhecimento especializado igual ou muito próximo. Esse cenário comunicativo especialista-especialista é usado em publicações de periódicos, livros acadêmicos, relatórios de pesquisa, documentos jurídicos, tais como leis e contratos, e quaisquer outros documentos em que o autor esteja escrevendo sobre sua área de especialidade e se reportando a leitores que supostamente têm nível de especialidade semelhante.

<sup>24</sup> Comunicação especialista-iniciante.

explain some terms which they believe to be unknown or inadequately understood by their readers<sup>25</sup> (PEARSON, 1998, p. 37).

Para Sager *et al.* (1980, p. 24), esse aluno é um leitor secundário, ou seja, uma pessoa para quem o transmissor (quem escreve os manuais) não tinha inicialmente a intenção de enviar a mensagem (texto especializado).<sup>26</sup> Esquemáticamente, é possível entender os diferentes leitores dos manuais de aviação da seguinte forma:



**Quadro 01:** Os leitores dos manuais de aviação.

Reside exatamente no desequilíbrio entre o conhecimento do autor/transmissor (fabricante da aeronave/especialista) e do leitor/receptor (aluno/aprendiz da especialidade), a origem da dificuldade dos alunos em identificar e interpretar as unidades especializadas. A natureza desse (des)conhecimento pode ser variada: o aluno pode simplesmente saber menos

<sup>25</sup> Ainda que esses especialistas usem a mesma terminologia que usariam ao se comunicar com seus pares, é provável que tenham que explicar alguns termos que acreditem ser desconhecidos ou inadequadamente entendidos por seus leitores.

<sup>26</sup> A *Boeing*, por exemplo, expressa muito claramente na introdução do manual de operações do 737, que os mesmos são escritos para pessoas com experiência prévia em aeronaves a jato, que estejam familiarizados com os sistemas básicos dos aviões a jato e com as técnicas comuns a aeronaves desse tipo: *This manual is written under the assumption that the user has had previous multi-engine jet aircraft experience and is familiar with basic jet airplane systems and basic pilot techniques common to airplanes of this type. Therefore, the operations manual does not contain basic flight information that is considered prerequisite training* (BOEING, 2000, p. 0.2.2).

inglês (conhecimento da língua geral) do que um piloto mais experiente; pode ter menos conhecimento da própria área de especialidade, por nunca ter voado ou por ter voado muito pouco (conhecimento de mundo “especializado”), pode ter dificuldade em entender o texto por ser muito jovem e não ter um conhecimento enciclopédico muito grande; ou ainda, o desconhecimento do aluno pode estar relacionado à terminologia da área de especialidade, não muito explorada pelos professores de outras disciplinas de seu curso. Por fim, o aluno pode não ter conhecimento das especificidades da linguagem especializada utilizada na situação comunicativa. Geralmente temos uma conjugação de todos estes (des)conhecimentos no momento em que pedimos a um aluno que leia um texto de manual, escrito por especialistas para especialistas. É importante dizer que tal situação de desequilíbrio é replicada em empresas aéreas que tenham processos de seleção precários, sem uma avaliação adequada de proficiência da língua geral e da linguagem especializada. Assim, desse desequilíbrio resultam muitas dúvidas, via de regra, relacionadas às unidades de significação especializada, como detalharemos no capítulo 5.

### 3 Conclusão

Concordamos com Cabré (2004, p. 31), portanto, quando ela afirma que *la formación de cara a la adquisición de una competencia comunicativa operativa y eficiente supone especificar todas las situaciones de comunicación de cada una de las áreas,*<sup>27</sup> especificando, para cada uma delas, características discursivas e documentos representativos. Mediante a descrição dos textos, *pueden hacerse generalizaciones sobre las características de los recursos comunicativos que el estudiante debe aprender para ser considerado lingüística y comunicativamente competente en el ámbito en cuestión,*<sup>28</sup> acrescenta a autora.

Da mesma forma, concordamos com Cabré e Vidal (2006, p. 188) quando afirmam que a terminologia *no debe ser enseñada ni aprendida como un conjunto cerrado de términos, como un paquete de unidades que tienen que ser memorizadas aisladamente.*<sup>29</sup> Acreditamos que o léxico especializado deve ser entendido, descrito e ensinado a partir de seu contexto de uso, pois é justamente aí que seu conteúdo especializado se manifesta. De igual modo, acreditamos na tese de que a descrição da linguagem de especialidade da aviação, neste caso especificamente das UEPNs, ao permitir conhecer suas características e propriedades sintático-semânticas,

---

<sup>27</sup> [...] a aquisição de uma competência comunicativa operativa e eficiente supõe especificar todas as situações de comunicação de cada uma das áreas.

<sup>28</sup> [...] podem ser feitas generalizações sobre as características dos recursos comunicativos que o estudante deve aprender para ser considerado lingüística e comunicativamente competente no âmbito em questão.

<sup>29</sup> [...] não deve ser ensinada ou aprendida como um conjunto isolado de termos, como um pacote de unidades que tem que ser memorizadas isoladamente.



auxilia os alunos de *ESP* a terem um conhecimento lingüístico maior sobre essa unidade, o que facilita sua identificação e interpretação no texto especializado.

### Referências bibliográficas

BEVILACQUA, C. R. **Unidades fraseológicas especializadas eventivas**: Descripción y reglas de formación en el ámbito de la energía solar. Tese Doutorado. Universidad Pompeu Fabra. Espanha: IULA, 2004.

BOEING. **737 Operations Manual**. Seattle: Boeing, 2000.

CABRE, M. T., Estado actual de la investigación en terminología. In: FUERTES OLIVEIRA, Pedro A. (coord.). **Lengua y sociedad: Aportaciones recientes en lingüística cognitiva, lenguas en contacto, lenguajes de especialidad y lingüística del corpus**. Valladolid: Universidad de Valladolid, p. 193-203, 2004.

\_\_\_\_\_. Recursos lingüísticos en la enseñanza de lenguas de especialidad. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 2005b. Disponível em: <<http://cvc.cervantes.es/obref/aeter/conferencias/cabre.htm>>.

\_\_\_\_\_; VIDAL, Vanessa. Estrategias para la enseñanza de combinaciones léxicas metafóricas en un curso de lenguas para fines específicos. **Lingüística Aplicada en la Sociedad de la Información y la Comunicación**, 2006. Disponível em: <<http://www.upf.edu/pdi/df/teresa.cabre/docums/ca06aela.pdf>>.

FISH, S. **Is there a text in this class? The authority interpretative communities**. Harvard: Harvard University Press, 1980. p 303-321.

HEINEMANN, Wolfgang e VIEHWEGGER, Dieter. **Textlinguistik: Eine Einführung**. Tübingen: Max Niemeyer, 1991.

KOCH, I. G. V. **Introdução à lingüística textual**: trajetórias e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, Coleção texto e linguagem. 2004.

PEARSON, J. Terms in context. **Studies in corpus linguistics**, v. 1, Amsterdam & Philadelphia: Benjamins, 1998.

SAGER, J. C. *et al.* **English special languages**: Principles and practice in science and technology. Wiesbaden: Brandstetter, 1980.

\_\_\_\_\_. La evolución de los lenguajes de especialidad y la terminología. In: **Estudis de Lingüística Aplicada**. 2007.